

UMA ÚLTIMA VISITA, UM NOVO VERBETE: APONTAMENTOS SOBRE A GÊNESE DA CARTA A D'ALEMBERT

ONE LAST VISIT, ONE NEW ARTICLE: CONSIDERATIONS ABOUT THE GENESIS OF THE *LETTRE TO D'ALEMBERT*

Rafael de Araújo e Viana Leite¹

Resumo: Este artigo busca explicitar a gênese da *Carta a d'Alembert*, escrita por Jean-Jacques Rousseau em 1758, com a intenção de compreender melhor sua reação negativa frente ao verbete 'Genebra', saído no sétimo volume da *Enciclopédia*, mais precisamente em relação à sugestão para que fosse estabelecida uma companhia de comédia na cidade genebrina. Defenderei a hipótese segundo a qual não foi surpreendente a reação de Rousseau, ainda que ele amasse a cena teatral e fosse escritor de peças dramáticas.

Palavras-chave: Rousseau. Voltaire. *Carta a d'Alembert*. Teatro.

Abstract: This paper tries to clarify the genesis of the *Lettre to d'Alembert*, written by Jean-Jacques Rousseau in 1758. Our goal is to better comprehend the philosopher's reaction concerning the suggestion found in Encyclopedia's article on Geneva which says that a comedy company would be established in the city. I shall defend the hypothesis that Rousseau's reaction wasn't surprising, even if he did love the theatrical scene and wrote dramatical pieces.

Keywords: Rousseau. Voltaire. *Lettre to d'Alembert*. Theater.

* * *

[...] e se a natureza recusou o gênio, a indignação ao menos dita os versos. (JUVENAL, 1861, *Satire I*, p. 5, tradução nossa).

A cólera é suficiente e bem vale um Apolo. (BOILEAU, 1985, *Satires I*, p. 70, tradução nossa).

Até então a indignação da virtude me servia de Apolo [...] (ROUSSEAU, *Confessions*, 1959, p. 495, tradução nossa).

Este artigo faz parte de um estudo mais amplo sobre a *Carta a d'Alembert*. Para o momento, nos interessa investigar a gênese da obra citada em sua dimensão político-biográfica, com a intenção de compreender melhor a reação negativa de Jean-Jacques Rousseau frente ao verbete 'Genebra', escrito por Jean le Rond d'Alembert, e publicado no sétimo volume da *Enciclopédia*. Nossa estratégia vai ao encontro de uma

¹ Doutorando UFPR, bolsista CAPES. E-mail: rafael_vianaleite@hotmail.com

pressuposição simples, a de que a *Carta a d'Alembert* poderá ser melhor compreendida em sua configuração interna justamente quando for esclarecido o contexto político no qual sua composição estava inserida. Defenderei, além disso, a hipótese de que não foi surpreendente ou inadvertida a recusa de Rousseau diante da sugestão de d'Alembert para que fosse estabelecida uma companhia de comédia em sua cidade natal, ainda que ele fosse um amante da cena teatral e autor de peças dramáticas.

A *Carta a d'Alembert*, de 1758, não é o primeiro livro de Rousseau. Também não se trata da primeira polêmica da qual participou, porém, temos diante de nós uma obra que guarda em si aspectos inaugurais dignos de nota. É a primeira publicação de impacto de Rousseau depois de ter trocado a cidade de Paris onde morou por alguns anos, pelo campo, em uma casa oferecida pela Madame d'Épinay. Talvez mera mudança de atmosfera, mas o ato mesmo de escrever em um ambiente como o do interior tem sua relevância, visto que o filósofo genebrino percebe em Paris, enquanto cidade grande e centro cultural, uma influência importante e distinta do campo no que diz respeito ao estilo de um autor.²

É nessa época em que Rousseau rompe sua amizade com Denis Diderot, Madame d'Épinay, Friedrich Melchior Grimm, além de se afastar da maioria de seus conhecidos do meio filosófico parisiense. No caso de Diderot, Rousseau acaba perdendo não só um amigo, mas um leitor participativo, ausência que teria impacto, a partir de então, no estilo dos seus textos. Ao lado de Diderot o tom de Rousseau seria mais pesado e satírico.³

Ainda sobre o aspecto inaugural da obra, seguindo a reconstituição do contexto de composição tal qual aparece no Livro X das *Confissões* (1959, p. 495), estaríamos falando da primeira vez em que Rousseau encontrou alegria na confecção de um livro. A razão disso talvez esteja ligada à mudança de ares proporcionada pela vivência na propriedade chamada de Ermitage e também pelo zelo patriótico responsável por

² Em carta escrita a Jacob Vernes, de 04 de abril de 1757, Rousseau fala sobre um poema em versos alexandrinos escrito por um jovem genebrino de nome Jacques-Antoine Roustan. O ponto que nos interessa é a afirmação de Rousseau segundo a qual os versos precisariam ser retocados e, caso Voltaire [que morava próximo a Genebra] não quisesse fazê-lo, o poeta só poderia encontrar alguém para ajudá-lo em uma cidade como Paris, exatamente porque “[...] há uma certa pureza de gosto e uma certa correção de estilo que não pode ser alcançada na província apesar do esforço que se tente para tanto”. (ROUSSEAU, 2012, p. 421, tradução nossa). Outra carta emblemática sobre esse tema, redigida em 16 de março de 1757, foi destinada a Diderot, e nela podemos ler: “Os senhores são engraçados, vós os filósofos, quando percebem nos habitantes da cidade os únicos homens aos quais os seus deveres se ligam. É no campo que se aprende a amar e servir a humanidade. Aprende-se unicamente a desprezá-la nas cidades”. (ROUSSEAU, 2012, p. 408, tradução nossa).

³ Ver o artigo de Jean Fabre, *Deux frères ennemis: Diderot et Jean-Jacques Rousseau* (1961, p. 165).

impulsionar Rousseau a contestar a sugestão de d'Alembert. Vale mencionar ainda o estado de saúde fragilizado do filósofo e a expectativa de morte que o preocupavam enquanto redigia a *Carta a d'Alembert*. Para Ourida Mostefai (2003, p. 7), trata-se de uma obra que pelo seu tom pessoal iniciaria o empreendimento autobiográfico rousseauiano. Temos diante de nós, portanto, um texto diferente das produções anteriores de Rousseau, seja pelo estilo discursivo, o tom biográfico, pelo humor do autor durante a composição da obra e, também, pelo fato de não estar mais ligado ao círculo de filósofos parisienses.

Avancemos em nossa análise conduzidos por um movimento de caráter cronológico retrospectivo, isto é, deixemos por enquanto o ano da publicação da *Carta a d'Alembert* para voltarmos alguns meses no tempo, em dezembro de 1757, com o objetivo de investigar de perto mais alguns aspectos da gênese da obra. Estratégia que se impõe por estarmos lidando com um texto de ocasião cujo aspecto circunstancial não deve ser negligenciado. O ano é 1757, e Rousseau, como já foi dito, havia se mudado de Paris para a Ermitage. Trocara, portanto, a vida intelectual ativa da cidade grande para um retiro a dezesseis quilômetros de Paris, na cidade de Montmorency. Foi onde, no dia 05 de dezembro, recebeu uma última visita de seu até então amigo, o filósofo e editor da *Enciclopédia* Denis Diderot. Quem nos conta sobre esse encontro é o próprio Rousseau, no já mencionado Livro X das *Confissões*, de modo que nossa análise desse episódio estará substancialmente atrelada à perspectiva de uma das partes envolvidas. Entre o que foi conversado pelos dois amigos nos interessa particularmente a observação feita por Diderot a respeito de um novo verbete da *Enciclopédia*, 'Genebra', redigido por Jean le Rond d'Alembert:⁴

Na última visita que Diderot me fez na Ermitage, ele me falou do verbete 'Genebra', que d'Alembert havia colocado na *Enciclopédia*. Ele me explicou que esse verbete, acordado com os genebrinos do alto, tinha por objetivo o estabelecimento de uma comédia em Genebra, que em consequência disso as medidas tinham sido tomadas e que esse estabelecimento não tardaria a acontecer. (ROUSSEAU, 1959, p. 494/495, tradução nossa).

⁴ Sobre a relação intelectual e fraternal entre Rousseau e Diderot, além de dados cronológicos sobre a visita em que o verbete 'Genebra' foi mencionado, ver o livro de Arthur Wilson, *Diderot: the testing years 1713-1759*, principalmente o Capítulo 19 (1957, pp. 247-259) e o Capítulo 22 (1957, pp. 291-306); ver também o artigo já mencionado de Jean Fabre, *Deux frères ennemis: Diderot et Jean-Jacques* (1961). Recentemente foi publicado um compêndio de artigos, organizado por Franck Salaün, abordando a relação entre os dois irmãos inimigos, intitulado *Diderot, Rousseau: Un entretien à distance* (2006). Sobre a relação entre Rousseau e d'Alembert, ver o artigo de Raymond Trousson, chamado *Querelles de philosophes: Rousseau et d'Alembert* (1994).

Essa bem que poderia parecer a temática de uma conversa despretensiosa, ainda mais se pensarmos em Rousseau como o redator de centenas de verbetes de música, além de um importante verbete sobre economia política para a *Enciclopédia*. Contudo, a aparição do tomo sétimo do empreendimento enciclopédico, contemplando a letra ‘g’, foi responsável por causar forte repercussão.⁵ Defenderei a hipótese segundo a qual o comentário de Diderot, tal qual relatado por Rousseau, tem algo de provocador. Vejamos o porquê disso. A publicação e texto do verbete ‘Genebra’, como vimos, teriam sido acordados com o grupo de genebrinos da aristocracia chamados ‘gente do alto’. Esse grupo teria por objetivo ajudar no estabelecimento de uma companhia de comédia na cidade, cuja ausência era devida a uma lei do século XVII que interditava essa prática. Detenhamo-nos nesse relato por alguns instantes, para que possamos fazer algumas explicações de ordem histórica com a intenção de entender o porquê de o tom de Diderot poder ser interpretado como provocador e, ao mesmo tempo, entender a reação de Rousseau frente ao novo verbete enciclopédico.

Do ponto de vista conceitual, no século XVIII, quando fala-se de ‘comédia’ isso significa comumente o teatro em sentido amplo e não simplesmente peças com teor cômico. O *Dicionário da Academia francesa*, de 1694, por exemplo, afirma que ‘*comédie*’ é um poema dramático, ou seja, uma peça de teatro em que alguma ação humana é representada. Assim sendo, peças cômicas, mas também tragédias e pastorais entram nessa acepção mais ampla de comédia.⁶ Do mesmo modo, quando se diz ‘comediantes’ faz-se referência aos atores de teatro de modo geral, e não somente àqueles que fazem a platéia rir. Porém, exatamente a respeito de quem Rousseau fala quando faz referência à ‘gente do alto’?

Em Genebra, no horizonte do debate sobre o teatro, havia um conflito político e cultural específico em relação ao qual a posição de Rousseau talvez precise ser alinhada para que possamos entender sua réplica ao verbete enciclopédico. O ponto para o qual

⁵ Após a publicação do sétimo Volume, os editores da *Enciclopédia* tiveram muitos problemas, basicamente em razão do verbete ‘Genebra’ e uma afirmação controversa de d’Alembert sobre os pastores genebrinos. Segundo d’Alembert, eles seriam, em boa parte, socinianos (isso significaria, entre outras coisas, que eles não concordavam com a ideia de inferno e punição eterna, na santidade de Jesus e em dogmas que confrontassem a razão). Os pastores genebrinos ficaram imensamente ofendidos por serem tratados como uma seita, chegando a pedir retratação formal do governo francês. Os editores se viram alvo de censura a ponto de d’Alembert abandonar o projeto enciclopédico. Sobre os problemas enfrentados por Diderot e d’Alembert em 1758, ver o artigo de Jean Fabre (1961, p. 179) e Arthur Wilson (1957).

⁶ É possível acessar os verbetes das várias edições do *Dicionário da Academia francesa* no site da Universidade de Chicago: artfl-project.uchicago.edu/node/17. Ver os verbetes ‘*comédie*’ e ‘*comédien*’.

gostaria de chamar atenção é o fato de que os genebrinos do século XVIII estavam divididos social e politicamente.⁷ Mas o que isso significa? De maneira esquemática, podemos dizer que de um lado havia uma elite detentora do poder governamental, chamada de ‘gente do alto’ (pois vivia em uma parte mais elevada da cidade), grupo ao qual Rousseau faz referência na citação, do outro lado dessa divisão havia a ‘gente de baixo’, isto é, burgueses mais ligados à tradição local genebrina. Interessa notar que a ‘gente do alto’ era mais afeita à moda parisiense e queria a implantação de uma companhia de comédia na cidade, enquanto que ‘os de baixo’, diferentemente, eram contrários a essa ideia, pois resistiam à influência francesa, apegados à tradição calvinista. Se acreditarmos no relato das *Confissões*, isto é, se havia um acordo entre os enciclopedistas e a gente do alto, isso parece revelar a provocação de Diderot, pois podemos supor que a primeira inclinação do seu amigo seria ficar do lado da gente de baixo, alinhados que eram à tradição local e, assim como Rousseau, de origem burguesa.

Posto isso, outro elemento que revelaria a provocação de Diderot é o fato de que o verbete ‘Genebra’, publicado no dia dez de outubro de 1757 é, no mínimo, singular. Basta passarmos os olhos na seção de geografia e história da *Enciclopédia* para percebermos algo interessante. O verbete ‘Genebra’ é significativamente o mais longo e é também o único que se detém minuciosamente em um aspecto social como o teatro. Assim, deixando de lado sua inclinação descritiva, o texto do verbete sugere que a cidade aceite em seu meio uma companhia de comédia, estratégia que Rousseau mencionará em tom irônico.⁸ Mais um aspecto importante é o fato de que o verbete

⁷ Sobre esse ponto, ver a Introdução à *Carta a d’Alembert* de Michel Launay: “A cidade de Genebra estava dividida socialmente, politicamente e mesmo geograficamente em duas: a ‘cidade alta’ e a ‘cidade baixa’. A primeira era o domínio da ‘gente do alto’, do ‘andar alto’, os membros do Pequeno Conselho ou ‘Conselho dos Vinte e Cinco’ e faziam parte do ‘Conselho dos Duzentos’ que não ousavam confessar, estando em uma República, suas intenções aristocráticas inventaram ou retomaram por sua conta a teoria da ‘Aristo-Democracia’ [...] (LAUNAY, 1967, p. 24, tradução nossa). Michel Launay ainda mostra como essa disputa política em Genebra, responsável por mais de um enfrentamento armado, estava ligada a um conflito que tinha o teatro como ponto principal. Bernard Gagnebin também enxerga dessa maneira quando afirma na sua Introdução à *Carta a d’Alembert*, escrita para compor as Obras Completas de Rousseau pela Pleiade, que “[...] ao mesmo tempo, o cidadão [Rousseau] intervém, com conhecimento de causa, em uma luta bem real, que opõe em Genebra o partido popular e tradicionalista ao patriciado afrancesado e cosmopolita que governa a ‘pequeníssima República’: o ‘baixo’ e o ‘alto’, o artesanato e o poder [...] ora, é em meio a esse patriciado, que desde o século XVII monopoliza, a despeito dos éditos, os órgãos do governo que se recrutam partidários de um teatro estável regularmente admitido na cidade.” (GAGNEBIN, 1995, p. XXXI, tradução nossa).

⁸ Me refiro ao segundo parágrafo do Prefácio da *Carta a d’Alembert*, quando Rousseau, falando sobre a sugestão de d’Alembert sobre a introdução de uma companhia de comédia na cidade de Genebra, mostra a estranheza de um verbete que, em vez de descrever a cidade, sugere a implantação de coisas que lá não existem: “Lendo essa passagem isolada, mais de um leitor ficará surpreso pelo zelo que a pôde ditar: lendo o verbete, percebe-se que a comédia, que é ausente em Genebra, mas que poderia não ser, é a oitava

'Genebra' está classificado como sendo de história e política, diferente dos verbetes dedicados à Espanha e Inglaterra, elencados na seção de geografia.⁹

O caráter singular do verbete, nitidamente de ordem política, quer nos parecer, faz com que o relato de Rousseau ganhe em verossimilhança. Ora, dado o tamanho do texto e a sugestão oferecida por d'Alembert, talvez fosse pensando em estabelecer um teatro em Genebra que ele redigira o verbete. Temos de admitir, contudo, que o tamanho do texto se relaciona também ao seu caráter apologético e não simplesmente à sugestão sobre o teatro. Em vários momentos d'Alembert compara o considerado progressismo genebrino com a defasagem social francesa.¹⁰ Para o momento, ressaltamos o fato de que se Rousseau não foi chamado para redigir o verbete para o qual ele teria mais competência, aquele consagrado à sua cidade natal, isso parece ser por si só uma declaração tácita da parte de Diderot.¹¹ Além disso, defender o estabelecimento de uma companhia de comédia na cidade é claramente tomar uma posição em um conflito já existente, algo em relação ao qual Rousseau - Diderot deveria ao menos suspeitar - não poderia permanecer indiferente.

Talvez Jean-Jacques Rousseau, cidadão de Genebra, não tenha sido chamado para compor o verbete sobre a capital calvinista porque Diderot e d'Alembert receavam que o autor do *Discurso sobre as ciências e as artes* não compacturaria com a perspectiva favorável à influência positiva do teatro nos costumes de um povo.¹² Acompanhamos aqui a perspectiva de Blaise Bachofen quando afirma que “[...] é evidente para Rousseau que a questão do estabelecimento de um teatro possui em si

parte das coisas que nela existem.” (ROUSSEAU, 1967, p. 44, tradução nossa). Na segunda metade da *Carta a d'Alembert*, Rousseau chega a falar que a sugestão de d'Alembert, levando em conta o verbete, era despropositada: “Eis, senhor, as considerações que eu tinha para propor ao público e a você sobre a questão [sugestão para que fosse estabelecido um teatro em Genebra] que você achou pertinente tratar em um verbete em que ela era, na minha opinião, completamente estrangeira”. (ROUSSEAU, 1967, p. 230, tradução nossa).

⁹ Ourida Mostefai fala sobre a diferença de tamanho entre o verbete Genebra e os outros verbetes que contemplam Estados nacionais na *Enciclopédia*, além de mencionar a diferença de classificação dos verbetes (2003, p. 28 e p. 30). Jacques Berchtold, no artigo intitulado *La Lettre à d'Alembert dans l'oeuvre de Rousseau*, toca no mesmo ponto, apontando a diferença de tamanho do verbete 'Genebra' e dos demais países contemplados pela *Enciclopédia* (2011, p. 34).

¹⁰ Citemos um exemplo. No verbete, d'Alembert aponta como Genebra já utilizava a vacina para varíola, enquanto os médicos franceses eram contrários a essa ideia. Os cidadãos genebrinos podiam pegar emprestado livros da biblioteca pública, prática que não encontrava repercussão na França. Havia ainda uma universidade gratuita para os cidadãos, ponto em relação ao qual d'Alembert diagnostica o avanço genebrino frente os seus vizinhos monarquistas. O clero genebrino respeitava o magistrado e não detinha poder político-econômico, algo que também mereceu destaque no verbete.

¹¹ Para Jacques Berchtold seria mesmo “inacreditável”, uma “grande surpresa” que Rousseau não tenha sido chamado para escrever o artigo sobre Genebra (2011, p. 32 e p. 33).

¹² É sabido que Rousseau, nessa obra, recusa que o desenvolvimento das ciências e das artes - incluído o teatro - tenha participação positiva nos costumes de um povo.

mesmo, imediatamente, questões políticas.” (BACHOFEN, 2011, p. 74, tradução nossa).¹³ Se for assim, encontramos o elemento provocador do comentário de Diderot ao mesmo tempo em que explicitamos um razoável motivo pelo qual Rousseau não teria sido chamado para redigir o verbete dedicado à sua cidade natal.

*

Defendemos que a posição de Rousseau contra a entrada de um teatro em Genebra não foi surpreendente, dado o contexto político em que esse debate estava inserido e as teses já defendidas no *Discurso sobre as ciências e as artes*. Parece estratégico, porém, confrontar essa hipótese com algumas interpretações que são conduzidas por um pressuposto diferente. Transcrevamos, a título de ilustração, a avaliação de Léon Fontaine presente na Introdução de uma das edições da *Carta a d’Alembert*:

Se a ortodoxia que ele [Rousseau] afetava surpreendeu os antigos amigos [...] os sentimentos que ele professava contra o teatro não pareceram mais honestos. Sua conversão, como chamava, isto é, sua selvageria, sua hipocondria progressiva, somente elas poderiam explicar essa dureza do filósofo ao condenar um prazer que ele havia procurado por tantos anos, uma arte em que ele mesmo se exercera mais de uma vez. Não mais do que suas outras obras, a *Carta a d’Alembert* não escapou à fatalidade que as faz desmentir, em primeiro lugar, o autor ele mesmo. (FONTAINE, 1889, p. 43, tradução nossa).

A *Carta a d’Alembert* é interpretada psicologicamente, como uma performance hipócrita de quem, no seu íntimo, ama aquilo que ataca com surpreendente ousadia. A taxação de condenação irrestrita do teatro recai inadvertidamente sobre Rousseau. O comentário torna-se ainda mais ácido quando Léon Fontaine afirma que a *Carta a d’Alembert* descortina um autor que

¹³ Ver a Introdução assinada por Bernard Gagnebin: “É que o autor [Rousseau] está convencido que tudo se liga, que não se pode tratar do teatro sem tocar em sua relação aos costumes e à política, portanto, com um estado de civilização. A ausência ou a presença de comediantes na cidade pode ser um sintoma de saúde ou de doença em todo o corpo.” (GAGNEBIN, 1995, p. XXX, tradução nossa). Ver também Michel Launay (1967, p. 23-27). Sobre o aspecto político da discussão em torno da implantação de um teatro em Genebra, vale ressaltar o artigo de Rahul Markovits, intitulado *L’incendie de la comédie de Genève (1768): Rousseau, Voltaire et l’impérialisme culturel français*, de 2009. Além de tratar do incêndio ocorrido em um teatro de Genebra no ano de 1768, após a permissão do estabelecimento de um teatro na cidade, Rahul Markovits mostra com detalhes de que maneira o teatro era uma questão de classe, eminentemente política na Genebra do século XVIII, dividindo os aristocratas ou oligarcas (pró teatro) e os burgueses (contra a entrada de um teatro). Importa dizer ainda que para o comentador, ponto em relação ao qual concordamos, essa divisão entre pró e contra o teatro manifestava a recusa ou a resignação em relação ao imperialismo cultural francês em Genebra. Ainda sobre o aspecto político da questão do teatro em Genebra ver o artigo de David Munnich (2011, p. 222).

Afeta uma austeridade que ele não tem [outra acusação de hipocrisia difícil de ser averiguada]. Impõe-se um paradoxo e o amplifica. É uma performance (tour de force). Seguimos com curiosidade sua execução, e nada mais. Tudo isso soa falso [predisposição contra o texto], e não pode nos convencer [julgamento negativo de antemão aventado pelo comentador]. (FONTAINE, 1889, p. 86, tradução nossa).

A Introdução de Léon Fontaine vai mesclando análise textual com momentos de claro preconceito. Exemplos disso são expressões como ‘afeta’, no sentido de que Rousseau teria um sentimento diferente do que demonstra. A obra ainda ‘desmentiria’ o filósofo (tudo se passa como se o comentador tivesse acesso privilegiado aos verdadeiros desejos dele), além, claro, da acusação de falta de sinceridade que não está acompanhada de nenhuma comprovação satisfatória.¹⁴

Margaret Moffat (1930) incorre em uma avaliação semelhante em seu livro *Rousseau et la querelle du théâtre au XVIII^e siècle*. Menos veemente, ao falar sobre a *Carta a d’Alembert* a autora apresenta o pretense paradoxo que seria explicitado pela obra:

Autor dramático e filósofo, Rousseau, entrando assim no debate apresentava sérias garantias de competência. Ter-se-ia esperado que ele defendesse a causa do teatro. Qual não foi a surpresa dos filósofos ao encontrar no seu antigo companheiro um adversário implacável. (MOFFAT, 1930, p. 58, tradução nossa).¹⁵

Esses dois exemplos são emblemáticos no que diz respeito à literatura secundária consagrada à obra. A pressuposição desses comentários parece ser a de que Rousseau deveria aceitar forçosamente a entrada de um divertimento moldado para Paris em uma cidade do porte de Genebra. O motivo disso seria óbvio: como escreveu peças de teatro, Rousseau deveria considerar que essa prática seria benéfica em qualquer circunstância. De tal modo, uma das críticas mais comuns a Rousseau foi

¹⁴ O comentador é claramente predisposto a discordar de Rousseau. Vejamos mais um exemplo. Na *Carta a d’Alembert* é afirmado que os trechos das peças que Rousseau usa foram citados de memória. Essa afirmação é simplesmente descartada como afetação por Léon Fontaine (1889, p. 80). Uma abordagem menos desconfiada, por assim dizer, de alguém que se limita a trabalhar com as informações que o texto fornece encontra-se na Introdução de Bernard Gagnebin. Diante da mesma afirmação de Rousseau, Gagnebin a considera como verdadeira (1995, p. XXXVI).

¹⁵ Patrick Day, em um artigo relativamente recente, chamado *Jean-Jacques Rousseau’s Lettre à d’Alembert sur les spectacles: a philosophical aberration or a moral imperative?* Aponta para a mesma estratégia usada pela literatura secundária de nossa obra, mesmo que seja para propor uma interpretação alternativa: “Para leitores modernos, a *Carta a d’Alembert* sobre os espetáculos, de Rousseau, pode parecer algo que causa perplexidade. Pode-se argumentar que a Carta, a condenação de Rousseau ao teatro e seus males foi uma aberração filosófica. De fato, sua reação negativa ao chamado de D’Alembert para o estabelecimento de um teatro em Genebra parece contradizer o Rousseau artista.” (DAY, 1997, p. 141, tradução nossa).

balizada pela estratégia jurídica chamada de retorsão. Haveria uma dificuldade essencial, como vimos, em conciliar o autor de textos dramáticos com o cidadão que recusa a introdução de um teatro em sua pátria. Essa abordagem intensifica uma estranheza natural do leitor em relação à postura de Rousseau na *Carta a d'Alembert*. Contudo, essa estranheza não deve ser alçada à categoria de obstáculo para a compreensão da obra. Por que deveríamos esperar que Rousseau fosse favorável à assimilação de valores parisienses por parte dos genebrinos? Talvez, de outro modo, seria de se esperar do autor do *Discurso sobre as ciências e as artes* uma reação contrária, a saber, a tentativa de preservar as idiossincrasias de um povo.

Não negamos, em absoluto, que o verbete da *Enciclopédia*, ainda nem lido, deixou Rousseau em uma posição que é em alguma medida embaraçosa. Ele era reconhecidamente muito afeito ao teatro, “sua cultura [no caso, teatral] vale mais do que a de um simples amador de teatro, e ele assimilou todos os valores do teatro de sua época” (SCHERER, 1961, p. LXXXII).¹⁶ Entretanto, nesse caso a tomada de posição, como tentamos defender, é eminentemente política. Ficar do lado da introdução de um teatro seria aceitar a intrusão de um divertimento feito e próprio aos parisienses na pequena cidade de Genebra, e esse é um dos pontos basilares da posição rousseuniana. Em uma perspectiva política, aceitar a entrada de uma companhia de teatro em sua cidade natal seria também participar de um embate - do lado dos aristocratas - contra ‘os de baixo’, mais alinhados à tradição genebrina.

Diante desse quadro, podemos provisoriamente concluir que, embora pudesse ser uma situação delicada, não parece surpreendente a tomada de posição de Rousseau. Ao menos, é legítima a suspeita de que mesmo antes de pronunciar-se publicamente sobre a questão, seria de se esperar que ele não aceitasse bem a sugestão de d'Alembert. Leiamos a continuação do relato das *Confissões*:

Como Diderot parecia achar tudo isso muito bem [o estabelecimento de um teatro em Genebra], e não duvidava do sucesso do empreendimento, e por já ter tido muitas discussões com ele [Diderot] para disputar também sobre o verbete, não lhe disse nada. Mas completamente indignado com essa manobra sedutora dirigida contra a minha pátria, esperava com impaciência o volume da *Enciclopédia* em que estaria esse verbete, para ver se não haveria meio de oferecer alguma resposta que pudesse evitar esse golpe infeliz. (ROUSSEAU, 1959, p. 495, tradução nossa, grifo nosso.)

¹⁶ Introdução às obras teatrais de Rousseau, escrita por J. Scherer no Tomo II das obras completas, publicada pela Pleiade.

Raymond Trousson, em uma de suas biografias sobre Rousseau, diz que se tomarmos o relato das *Confissões* a conversa entre os dois amigos durante essa visita teria sido amigável e serena.¹⁷ Talvez possamos propor uma interpretação diferente. Antes mesmo da leitura do tal verbete ‘Genebra’, antes de tomar conhecimento dos argumentos levantados em favor da ideia de uma teatro na república de Calvino, Rousseau estava pronto para tentar refutá-lo. Diderot aparece no relato como alguém que tenta provocar seu anfitrião quando diz uma novidade, em tom aparentemente desprezioso, mesmo sabendo que ela muito provavelmente iria incitar uma reação por parte de Rousseau. Foi o que aconteceu. Uma atitude reativa, indignada, que praticamente força o filósofo a tomar da pena é o que culmina na *Carta a d’Alembert*.

*

Ponto fundamental a partir do qual podemos defender que Rousseau não aceitaria de bom grado a implantação de um teatro em Genebra era a sua desconfiança de que tudo não passava, na verdade, de um estratagema com a contribuição não só da gente do alto, mas também de alguém que viria a ser um dos seus inimigos mais ferrenhos, Voltaire.¹⁸ Morando desde 1755 no território de Genebra, em uma propriedade chamada *Les Délices*, ele tinha todo o interesse de ver uma companhia de comédia dentro dos muros da cidade.¹⁹ Autor dramático célebre e intenso defensor dos poderes civilizatórios da cena teatral, Voltaire encenava e dirigia, sempre que podia, peças teatrais em sua propriedade com a audiência de muitos membros da gente do alto.²⁰ Rousseau sabia disso e afirma em carta datada de julho de 1758 ao Pastor Vernes,

¹⁷ Me refiro à obra *Jean-Jacques Rousseau: heurs et malheurs d’une conscience*, capítulo IX, quando o autor afirma que “No dia 5 de dezembro, ele [Rousseau] recebeu a visita de Diderot, a quem ele contou sobre as intrigas de Madame d’Épinay. Falou também de sua paixão infeliz, mas sempre sustentando que Madame d’Houdetot ignorava seu sentimento. Segundo as Confissões, a conversa foi serena e amigável (...) mas o encontro foi sem dúvida menos pacífico do que dizem as Confissões.” (TROUSSON, 1993, P. 155, GRIFO NOSSO.) Ainda que Raymond Trousson conclua que a última visita de Diderot não tenha sido pacífica, ponto em relação ao qual concordo, é preciso salientar que o relato das *Confissões* aponta para a mesma direção. Quando um dos interlocutores de uma conversa fica indignado com o que foi dito pelo seu amigo, isso não é um sinal de um encontro pacífico.

¹⁸ Voltaire seria próximo a alguns dos membros da aristocracia genebrina (gente do alto) favoráveis à implantação de um teatro na cidade, como defende John Hope Mason em artigo intitulado *The Lettre à d’Alembert and its place in Rousseau’s thought* (1992, p. 251).

¹⁹ Sobre a relação de Voltaire com a cidade de Genebra, ver o artigo de Lorenzo Bianchi intitulado *Voltaire, Genebra e as ideias republicanas* (2012, pp. 45-67).

²⁰ R. S. Ridgway, no artigo intitulado *Voltaire as an actor* (1968), dá detalhes sobre as representações organizadas por Voltaire em sua propriedade.

sem apresentar provas cabais, que o verbete escrito por d'Alembert teria sido orquestrado em conjunto também por Voltaire:

Publicarei um pequeno escrito [trata-se da *Carta a d'Alembert*] sobre o verbete 'Genebra' do Sr. d'Alembert. O conselho que ele nos dá de estabelecer uma comédia me pareceu pernicioso, ele acordou meu zelo, e me indignou tanto mais quando vi claramente que ele fazia a corte ao Sr. Voltaire a nossas expensas. (ROUSSEAU, 2012, p. 556, tradução nossa, grifo nosso).

Note-se que, mais uma vez, vemos referência à indignação sentida por Rousseau, sentimento que o teria impulsionado a recusar a introdução de um teatro na sua cidade natal. Em outra carta, para o mesmo destinatário, Rousseau insiste: “Não ignorava que o verbete Genebra era em parte do Sr. Voltaire. Ainda que eu tenha tido a discrição de não dizer nada, você verá facilmente pela leitura da obra que eu sabia a quem me dirigir”. (ROUSSEAU, 2012, p. 588, tradução nossa).

Mesmo sem prova, Rousseau parece acurado em sua suspeita, como apontam vários estudos sobre o assunto. Há quem diga que Voltaire teria estimulado a composição de um parágrafo sobre a necessidade de um teatro em Genebra, outros chegam a defender que teria sido o próprio Voltaire o redator desse parágrafo. Lemos, por exemplo, na Introdução assinada por Pierre Frantz e Sophie Marchand para a coletânea intitulada *Le théâtre français du XVIII^e siècle*, que “é ele [Voltaire] quem estimula d'Alembert a reclamar a instalação de um teatro na capital de Calvino.” (FRANTZ & MARCHAND, 2009, p. 16, tradução nossa). Henri Gouhier (1983) já havia dito a mesma coisa: “Jean-Jacques sabe que d'Alembert é aqui cúmplice de Voltaire e que caso seja aberto um teatro em Genebra o dono das Delícias [propriedade de Voltaire] será o primeiro a se beneficiar com isso”. (GOUHIER, 1983, p. 119, tradução nossa). Gaston Maugras (1886) mostra que d'Alembert teria visitado Voltaire no fim de 1755 para recolher informações que poderiam lhe ajudar na redação do verbete sobre a cidade de Genebra. Porém, mais do que isso, para Gaston Maugras, Voltaire teve participação direta na ideia de colocar um parágrafo sobre o teatro, “parágrafo que, sem dúvida, foi redigido conjuntamente nas Delícias [propriedade de Voltaire]” (MAUGRAS, 1886, p. 57, tradução nossa). Arthur Wilson (1957), em estudo mais recente, menciona essa estadia de d'Alembert junto a Voltaire, declarando que o anfitrião Voltaire teria sugerido a composição de um verbete sobre Genebra (WILSON, 1957, p. 253 e p. 280). O já mencionado Gaston Maugras (1886), cujo partido é favorável a Voltaire alega, baseado na correspondência de Rousseau, que ele teria

escrito a *Carta a d'Alembert* para responder especificamente seu inimigo parisiense. Nós vimos que o zelo patriótico de Rousseau teria ao menos sido inflamado pela ideia da participação de Voltaire. Desse modo, do âmbito político passamos para aquele biográfico, elemento por vezes importante para entender a gênese de uma obra.

*

Se a *Carta a d'Alembert* foi redigida motivada por um acontecimento contingente, texto de ocasião, seria possível falar em inspiração de Rousseau? Questão que parece tão mais interessante porque em uma carta datada de 27 de fevereiro de 1757, enviada a Théodore Tronchin, o filósofo genebrino prevê que será difícil terminar seus projetos (ainda não havia sido visitado por Diderot), porque teria perdido o seu gênio, isto é, sua capacidade de escrita, e cita Juvenal - a mesma passagem de nossa epígrafe - “*facit indignatio versus*” (ROUSSEAU, 2012, p. 403)²¹. Para quem perdeu o gênio a composição da *Carta a d'Alembert*, redigida e publicada no ano seguinte, foi surpreendentemente rápida. Bastaram três semanas, em acordo com o autor, para que escrevesse a obra.²²

Talvez possamos dizer que, sim, houve inspiração, e que ela veio impulsionada pela indignação frente ao novo verbete da *Enciclopédia* e às seduções perpetradas por Voltaire em apoio à gente do alto. Indignação que, mais de uma vez, parece ter sido o canto das musas para Rousseau, canto ornado por uma melodia cheia de força cujo caráter acusador é facilmente percebido em seus textos.²³ Se Rousseau, enfim, contrariando nossa hipótese, diz nas *Confissões* ter sido com leveza que ele redigiu a obra, por outro lado, a indignação que ele mesmo diz ter sentido frente ao verbete ‘Genebra’, o caráter claramente reativo da obra e a força argumentativa da *Carta a d'Alembert* confirmam nossa suspeita. Retomando os versos de Juvenal, no caso de Rousseau, em 1758, nos deparamos com um autor cujo gênio literário, reconhecidamente aceito pela posteridade, parece ter sido aceso e inflamado pela indignação.

²¹ “A indignação dita os versos”.

²² Ver o Livro X das *Confissões* (ROUSSEAU, 1959, p. 495)

²³ A respeito do caráter reativo de algumas obras de Rousseau, com tom de acusação, como é o caso do *Discurso sobre as ciências e as artes*, ver a introdução do livro de Starobinski intitulado *Accuser et séduire: Essais sur Jean-Jacques Rousseau* (STAROBINSKI, 2012, p. 09-29).

Quando solicitamos a ideia de inspiração para de algum modo explicitar o processo de composição da *Carta a d'Alembert*, um problema logo se apresenta. Talvez com isso terminemos abafando o fato de que Rousseau já havia meditado bastante sobre o assunto e também o contexto político explicitado pela proposta de estabelecer um teatro em Genebra. Não haveria inspiração, não no sentido de uma iluminação como a de Vincennes. Talvez o artigo escrito por Maria das Graças, intitulado *Ocasão propícia, ocasião nefasta: tempo, história e ação política em Rousseau* (2006) nos ajude a encontrar uma resposta.²⁴ Nos valendo dos termos do artigo mencionado, uma melhor compreensão do processo de composição da *Carta a d'Alembert* é percebê-lo como o momento privilegiado em que vemos desenrolar-se uma ação política. O momento é de crise, sim, porque o teatro, em acordo com Rousseau, companheiro do luxo e da desigualdade, bate às portas de Genebra, contudo, a ocasião é ao mesmo tempo propícia, ou seja, ainda é possível evitar que o mal se instale. Com a prerrogativa da cidadania, o filósofo genebrino clama aos seus concidadãos para que se preservem de um divertimento pouco próprio ao seu modo de vida.

A *Carta a d'Alembert* não seria fruto de uma inspiração, mas um ato político de caráter interventivo cuidadosamente calculado. Cabe nos perguntarmos, mais uma vez, a título de conclusão parcial: seria assim tão surpreendente essa tomada de posição contra a entrada de um teatro em Genebra vinda do autor do *Discurso sobre as ciências e as artes*? Reconstruir a *Carta a d'Alembert* como uma obra excêntrica, iluminada por um arroubo despropositado do seu autor é, nos parece, negligenciar o contexto político em que ela estava inserida, incorrendo em um erro fundamental, o de deixar de compreender o alcance e significado do texto. Para o momento, não confrontaremos os argumentos levantados por Rousseau na obra. Ainda assim, no contexto de uma gênese da *Carta a d'Alembert*, podemos defender a hipótese de que, mesmo tendo sido autor de peças teatrais e frequentador assíduo da cena francesa, Rousseau não agiu de modo inadvertido quando recusa a implantação de um teatro em Genebra, dado as implicações socio-políticas da sugestão de d'Alembert, leia-se também de Voltaire.

²⁴ Ver o excelente artigo de Maria das Graças de Souza, *Ocasão propícia, ocasião nefasta: tempo, história e ação política em Rousseau* (2006).

Referências

- Autor desconhecido. Verbetes 'comédie' e 'comédien'. In: *Dictionnaire de l'Académie française*. Acessível online pelo site da Universidade de Chicago: artfl-project.uchicago.edu/node/17. Último acesso realizado em set. 2016.
- BACHOFEN, B. La Lettre à d'Alembert: Principes du droit poétique. In: *Rousseau, politique et esthétique: sur la Lettre à d'Alembert*. Org. Blaise Bachofen e Bruno Bernardi, Lyon: ENS Édition, 2011.
- BERCHTOLD, J. La Lettre à d'Alembert dans l'oeuvre de Rousseau. In: *Rousseau, politique et esthétique: sur la Lettre à d'Alembert*. p. 29-53. Org. Blaise Bachofen et Bruno Bernardi. Lyon: ENS Édition, 2011.
- BIANCHI. Voltaire Genebra e as Ideias republicanas. In: *Revista Dois Pontos - Voltaire*. v. 9, n. 3 p. 45-67, 2012.
- BOILEAU. Satires. Paris: Gallimard, 1985.
- D'ALEMBERT. J. R. Verbetes *Genève*. Acessível online pelo site: <http://artflsrv02.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?c.6:905.encyclopedie0416>, último acesso realizado set. 2016.
- DAY, P. Jean-Jacques Rousseau's Lettre à d'Alembert sur les spectacles: a philosophical aberration or a moral imperative?. In: *Autour de la Lettre à d'Alembert*. Org. Melissa Butler, n. 6, p. 141-150, Ottawa, 1997.
- FABRE J. Deux frères ennemis: Diderot et Jean-Jacques Rousseau. In: *Diderot Studies*, v. 3, p. 155-213. 1961.
- FONTAINE, L. Introduction. In: *Lettre à d'Alembert sur les spectacles*, p. 06-98, Paris: Garnier, 1889.
- FRANTZ, P., MARCHAND, S. Introduction. In: *Anthologie du théâtre français du XVIII^e siècle*. Org. P. Frantz e S. Marchand. Paris: L'avant-scène, 2009.
- MOSTEFAI, O. *Le citoyen de Genève et la République des Lettres: étude de la controverse autour de la Lettre à d'Alembert de Jean-Jacques Rousseau*. New York: Peter Long: 2003.
- GAGNEBIN, B. Introduction à Lettre à d'Alembert. In: *Oeuvres Complètes de Rousseau*. Tomo V. p. XXX-LXVI, Paris: Bibliothèque de la Pleiade, 1995.
- GOUHIER, H. *Rousseau et Voltaire: portraits dans deux miroirs*. Paris: VRIN, 1983.
- JUVENAL. *Satires*. Oeuvres Complètes de Juvenal. Trad. Dusaulx e J. Pierrot: Garnier Frères Libraires, Paris, 1861.
- LAUNAY, MICHEL. Introdução. In: *Lettre à d'Alembert*. p. 15-37, Paris, Garnier Flammarion, 1967.
- MASON, J. H. The Lettre à d'Alembert and its place in Rousseau's thought. In: *Rousseau e the eighteenth century. Essays in memory of R. A. Leigh*. Org. Marian Hobson, J. T. A. Leigh e Robert Wokler, p. 251-269, Oxford: The Voltaire Foundation, 1992.
- MARKOVITS, R. L'incendie de la comédie de Genève (1768): Rousseau, Voltaire et l'impérialisme culturel français. In: *Revue historique*. N. 652 p. . 831-873, Presses Univesitaire de France, 2009.
- MAUGRAS. *Querelle de philosophes: Voltaire et Rousseau*. Paris: Calmann Lévy Éditeur, 1886.
- MUNNICH, D. À qui s'adresse la Lettre à d'Alembert? In: *Rousseau, politique et esthétique: sur la Lettre à d'Alembert*. Org. Blaise Bachofen et Bruno Bernardi, p. 221-231, Lyon: ENS Édition, 2011.

- RIDGWAY, R. S. Voltaire as an actor. In: *Eighteenth-Century Studies*, v. 1, n. 2, p. 261-276, 1968.
- ROUSSEAU, J.-J. *Confessions*. Oeuvres Complètes. Tomo I. Paris: Gallimard, 1959.
- _____. *Discours sur les sciences et les arts*. Oeuvres Complète. Tomo III. Paris: Gallimard, 1964.
- _____. *Lettre à d'Alembert*. Paris: Garnier Flammarion, 1967.
- _____. *Lettres*. Tomo I, 1728-1758. Édition thématique du tricentenaire. Oeuvres Complètes. Org. Raymond Trousson e Frédéric S. Eigeldinger. Paris: Édition Champion, 2012.
- SALAÜN, FRANCK. *Um entretien à distance*. Org. F. Salaün. Paris: Éditions Desjonquères, 2006.
- SCHERER, J. *Introduction*. In: *Oeuvres Complètes de Rousseau*, Tomo II, org. Bernard Gagnebin et Marcel Raymond, Paris: Pleiade, 1961.
- SOUZA, MARIA DAS GRAÇAS DE SOUZA. Ocasão propícia, ocasião nefasta: tempo, história e ação política em Rousseau. In: *Trans\form\ação*, v. 29, p. 249-256, 2006.
- STAROBINSKI, J. *Accuser et séduire: Essais sur Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Gallimard, 2012.
- TROUSSON, R. *Jean-Jacques Rousseau: heurs et malheurs d'une conscience*. Paris: Hachette, 1993.
- _____. Querelles de philosophes. In: *Romanische Forschungen*, v. 106, p. 139-167, 1994.
- WILSON, A. *Diderot: the testing years 1713-1759*. New York: Oxford University Press, 1957.